

instituição

Museus e Património Imaterial O museu está vivo

Assinalar o Dia Internacional dos Museus foi o propósito que levou o Museu de Lanifícios a realizar um conjunto de actividades dedicadas ao património imaterial.

Andreia Ferreira

O Anfiteatro da Parada abriu as portas no dia 18 de Maio para ouvir os testemunhos de vida de empresários, técnicos e operários têxteis covilhanenses.

A iniciativa, inserida nas comemorações do Dia Internacional dos Museus, pretendeu contribuir para a salvaguarda das memórias dos trabalhadores fabris. Como mote para as actividades estava o tema "Museus e Património Imaterial".

Nesse sentido, a Directora do Museu de Lanifícios, Elisa Pinheiro, convidou "alguns amigos do Museu para dar a conhecer uma indústria que foi o arranque do desenvolvimento da Covilhã".

Os alunos do segundo e terceiro ciclos de algumas escolas da região ouviram com atenção as histórias de Manuel Mesquita Nunes, Luzia Mendes, João dos Santos Pina e Campos Costa. Os testemunhos de Luzia Mendes e João dos Santos Pina foram os que mais captaram as atenções dos jovens. Luzia Mendes contou histórias do seu tempo de urdideira e de como



A exposição patente na Sala de Exposições Temporárias do Museu

começou a trabalhar com 14 anos. João dos Santos Pina trabalhou como técnico a nível de ultimação. Era um trabalho bastante duro mas que lhe permitiu tirar uma lição, passada neste dia aos mais jovens: "As facilidades não conduzem a nada".

Inserido no programa de actividades esteve também a apresentação pública da nova página web do Museu de Lanifícios, a inauguração da exposição de fotografias "Memórias do Trabalho

Fabril" e a mostra de peças artesanais em madeira, criadas a partir de acessórios da indústria de lanifícios.

Contente com o interesse dos jovens, a directora do Museu, Elisa Pinheiro, considerou que "foi cumprido o objectivo de celebrar o património imaterial" porque "mais importante do que as máquinas, são os Homens e as suas memórias".

Ao longo do dia a entrada do Museu foi gratuita.

ponto de vista

A afirmação da UBI

> André Barata

Não é hoje difícil reconhecer que os últimos anos trouxeram à UBI uma nova idade. Para trás ficam os problemas de subsistência, adiante perfilam-se fundamentalmente problemas em torno da nossa afirmação enquanto Universidade. Não porque aqueles cessem – haverá com certeza instalações a construir, licenciaturas a propor, nexos com o mercado de trabalho a incentivar. Simplesmente, porque outros passam para a primeira linha. Se estamos dispostos a afirmar a nossa maturidade institucional, então teremos de fazer prova dela na credibilização face às outras Universidades portuguesas, na capacidade de mostrar que respondemos tão bem ao problema da qualidade como ao da quantidade. Numa palavra: no reconhecimento pelos pares.

Talvez o aparecimento de licenciaturas como as de Medicina, Arquitectura e Filosofia, autênticos "clássicos" da cultura universitária, seja o facto que assinala esta passagem a uma segunda idade na vida da UBI. Mas na mesma ordem de factos, é inegável que a mais recente avaliação às nossas Unidades de I&D não correu bem. Faltou-nos justamente o reconhecimento da excelência. Sem excepção, nenhum dos nossos centros de investigação obteve a classificação máxima por parte dos avaliadores da FCT. E nisto não podemos deixar de ver um problema, mesmo o problema crucial que se nos colocará nos próximos anos.

Há, pois, um problema diagnosticado e há que reflectir sobre que estratégia deverá ser adoptada para o enfrentar. Expõem-se, de seguida, três sugestões que poderiam integrar um eventual, e desejável, plano estratégico.

1. Quanto antes, necessário seria reconhecer a importância do problema para o futuro da Universidade. Quer isto dizer que, no delineamento de estratégias, não deveremos permitir a secundarização do objectivo do prestígio científico dos nossos departamentos e centros de investigação. Tal não é a cereja sobre o bolo, não é um luxo dispensável, mas a prova da nossa maturidade. Por isso, importará agilizar os processos de constituição de novas Unidades de I&D, regular, formalizando enfim um modelo de estatutos, o funcionamento das Unidades de I&D. Nesse sentido, uma primeira sugestão consistirá na criação de um pelouro, preferivelmente a nível da Reitoria, inteiramente dedicado à coordenação da investigação científica da UBI.

2. São hoje bem conhecidas as potencialidades dos projectos de investigação interdisciplinares – de outro modo, e pensando na crescente especialização disciplinar, não seria possível tratar objectos de investigação complexos. Um exemplo só: o estudo da cognição, envolvendo investigadores com formações de raiz muito distintas, desde informáticos a neurocientistas, desde psicólogos cognitivistas a filósofos da mente, teóricos de sistemas, sistemas dinâmicos, etc. Ora, face a isto, sugere-se aqui a criação de um centro de investigação exclusivamente aberto a projectos interdisciplinares propostos por mais de uma Unidade de I&D. A ideia nem é original. A Universidade Nova de Lisboa tem já em plena actividade uma Rede Interdisciplinar de Centros de Investigação, sediada na sua reitoria. Não será despidendo notar, a este propósito, que a actual estrutura da UBI, organizada em unidades e departamentos, por um lado, e as condições de proximidade física, mesmo de partilha de espaços comuns, por outro, propicia, como raras vezes tem sido possível a nível nacional, efectivas condições para a realização de uma investigação interdisciplinar.

3. Por fim, como terceira e última sugestão, talvez fosse preferível apostar em mais centros com menos linhas de investigação do que em poucos centros com muitas linhas de investigação e muitos investigadores. Centros excessivamente populosos conduzem a processos morosos; demasiadas linhas de investigação tendem a fazer dispersar. Nem sequer é o caso que a FCT prefira financiar um centro com, digamos, trinta doutores a financiar dez centros com, cada um, três doutores.

Com estas sugestões, apresentadas mais em jeito de propostas para uma reflexão, ganhar-se-ia em agilidade, responsabilidade e, possivelmente, em avaliações mais justas, nem que seja por uma maior proximidade aos avaliados. Ganhar-se-ia também por se envolver transversalmente a comunidade de investigadores da UBI, dando corpo à ideia de uma vivência universitária plenamente afirmada. E esse é o desafio.

Se estamos dispostos a afirmar a nossa maturidade institucional, então teremos de fazer prova dela na credibilização face às outras Universidades

Exposição de fotografia Memórias da indústria dos lanifícios

A Sala de Exposições Temporárias do Museu dos Lanifícios da UBI acolhe uma mostra de fábricas de lanifícios da Covilhã, muitas delas já extintas.

Daniel Sousa e Silva



Portmenor da exposição

A exposição de fotografia patente na Sala de Exposições Temporárias do Museu dos Lanifícios da UBI desde a semana passada decorre de um protocolo estabelecido entre o Museu dos Lanifícios e o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), de forma a fazer-se um levantamento do tecido industrial da Covilhã.

"No âmbito do projecto TRANSLANA fez-se toda a investigação, e este ano aprofundámo-la, com o objectivo de se proceder à publicação dos resultados pela Câmara da Covilhã", conta Elisa Pinheiro, directora do Museu. Esta exposição é uma espécie de antecipação desses resultados. "De 114 fábricas já inventariadas, seleccionamos 36 das mais importantes, em função da sua importância histórica ou do simples facto de existir ou não informação gráfica de uma fase inicial dos edifícios e do seu aspecto actual", explicita.

A exposição funciona também como "um teste à informação já recolhida" pelo Museu. A directora adianta que "ainda há alguns dados que faltam, mas quisemos torná-los públicos como uma experiência". O estudo deverá estar concluído até ao final do ano.

A escolha da integração da exposição nas comemorações do Dia Internacional dos Museus deveu-se ao mote deste ano (Museus e Património Imaterial). "É a lembrança do trabalho fabril, que se reporta a edifícios, mas também a cenas de trabalho com pessoas e laboração", explica. Por isso, Elisa Pinheiro considera que o relembrar de edifícios já desaparecidos ou



Antigas fábricas de lanifícios

reaproveitados pode funcionar para a reflexão dos actuais covilhanenses. A directora deu o exemplo do Pólo das Engenharias da UBI "ainda referenciado por muita gente como a Empresa Transformadora de Lãs".

"Sempre que possível tentou-se colocar na exposição o antes e depois dessas infra-estruturas", conclui.